

A experiência intercultural de discentes em um projeto de pesquisa sobre a imigração francesa em Belém do Pará

The intercultural experience of students in a research project on French immigration in Belém do Pará

Joanna Troufflard¹, Adrielle Saraiva Medeiros², Walter Marques Faro Neto³

Universidade Federal do Pará, Brasil, Brasil Universidade Federal do Pará, Brasil Universidade Federal do Pará, Brasil

RESUMO

Esse trabalho trata da experiência intercultural de dois discentes em um projeto de pesquisa sobre a imigração francesa em Belém. O artigo tem como objetivo mostrar como a experiência vivida aproximou os alunos da Licenciatura em Letras-Francês da realidade cultural e linguística dos imigrantes franceses, criou uma oportunidade para um contato autêntico com o idioma francês e permitiu o desenvolvimento de uma competência intercultural, como definida por Zarate (1986), Abdallah-Pretceille (1997) e De Carlo (1998). A reflexão dos discentes é apresentada através de relatos de experiência. Este gênero acadêmico-científico explicativo foi escolhido pela sua acessibilidade para a socialização de pesquisas, assim como pelo seu caráter reflexivo e formador nesta fase inicial do percurso acadêmico dos discentes de iniciação científica (Mussi *et al.*, 2021). Os resultados apontam que a experiência vivida e relatada pelos estudantes trouxe um aumento da motivação, um mergulho nas diferenças culturais, uma reflexão sobre a própria identidade dos discentes e uma desinibição da expressão oral em língua francesa.

PALAVRAS-CHAVE:

Interculturalidade 1. Relato de experiência discente 2. Licenciatura em Letras-Francês 3.

ABSTRACT

This paper presents two university students intercultural experience in a research project on French immigration in Belém. This article aims to show how this experience brought the bachelor's degree students close to the cultural and linguistic reality of French immigrants, created an opportunity for authentic contact with the French language and enabled the development of intercultural skills, as defined by Zarate (1986), Abdallah-Pretceille (1997), and De Carlo (1998). The reflection is presented through student experience reports. This academic, scientific and explanatory genre was chosen due to its accessibility for research results

Recebido em: 07/02/2025

Aceito em: 07/10/2025

¹ E-mail: joanna.troufflard@ufpa.br |ORCID: 0000-0002-6715-3496

² E-mail: adrielle.medeiros@ilc.ufpa.br |ORCID: 0009-0009-9609-5692

³ E-mail: waltterfaro@gmail.com |ORCID: 0009-0004-5214-1769

dissemination, as well as for its reflexive and formative characteristics for undergraduate students' initial journey into academic education (Mussi *et al.*, 2021). Results show that the experiences lived and described by students increased their motivation, created an immersive context to observe cultural differences, brought about a reflection on the students' own identity, and improved their oral skills in French.

KEYWORDS:

Interculturality 1. Student experience report 2. Bachelor's degree in French language 3.

A língua e a cultura francesas em Belém do Pará

Em Belém, como em outras capitais do Brasil, a língua francesa é usada para nomear o espaço urbano (*boulevard*), os condomínios chiques (*Tour D'argent*, *Maison Royale*, *Maison Cartier*, *Claude Monet* e *Maison Matisse*), estabelecimentos como cafés e restaurantes (*Belle Époque* e *Chez Nous*), lojas (*Studio Bardot*) e marcas do vestuário paraense (*Madame Floresta*). Esses nomes ecoam a herança de uma língua e cultura que já estiveram muito presentes nessa cidade. De fato, fazendo um salto histórico, lembramos que essa influência da França em Belém remonta ao período da intensa produção gomífera, que ocorreu na Amazônia entre 1880 e 1910 (Daou, 2000). Foi durante essa época, chamada de *Belle Époque*, que grandes reformas urbanas inspiradas nas capitais europeias foram implementadas e contribuíram para que Belém fosse batizada de *Petite Paris* ou *Paris nos trópicos*, referência direta à capital Francesa. Nesse lapso de tempo, também conhecido como “ciclo da borracha”, foram conduzidas muitas reformas urbanas como mercados, praças, palacetes e teatros, inspirados de Paris e de outras capitais europeias.

Essa aproximação geográfica e cultural – resultante do desenvolvimento da tecnologia do barco à vapor –, permitiu um intercâmbio de mercadorias e de pessoas (Daou, 2000). Consequentemente, a moda de consumo e os gostos dos habitantes de Belém foram altamente influenciados pela moda e pelos hábitos franceses, associados na época, ao progresso e à civilização (Daou, 2000). O período de crescimento econômico e de encontro com a Europa, e principalmente, com a França, foi tão intenso que permaneceu fortemente impregnado na memória coletiva dos habitantes da cidade de Belém, que manifestam uma certa melancolia quando relembram este período de auge da capital paraense (Castro, 2010; Rocha; Troufflard, 2025). Essas memórias de uma cidade particularmente moderna e precursora em certos aspectos – uma das primeiras por exemplo a ter tido iluminação elétrica pública – contrastam fortemente com o presente de abandono da cidade (Castro, 2010; Rocha; Troufflard, 2025).

Além da estética francesa no espaço urbano, a língua francesa também está presente através do ensino, com instituições públicas e privadas. Historicamente, o ensino da língua

francesa no Brasil se consolidou como disciplina obrigatória nos ensinos fundamental e básico, graças à Reforma Capanema em 1942 (Arruda *et al.*, 2022; Arruda, 2020). Porém, a partir dos anos 1960, o ensino das línguas estrangeiras no Brasil auxiliou entre períodos de não obrigatoriedade (Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDB) em 1961) e obrigatoriedade (Nova LDB em 1988 e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018). Atualmente, a obrigatoriedade do ensino do inglês no ensino fundamental como única língua estrangeira definida pela BNCC – documento normativo que institui os conteúdos curriculares e suas progressões – reforça uma concepção de cunho monolíngue em um país paradoxalmente plurilíngue (Arruda, 2020). Na verdade, a hegemonia da língua inglesa se estabeleceu a partir do final da Segunda Guerra Mundial, por conta da influência econômica e política dos Estados Unidos e acabou enfraquecendo o protagonismo da língua francesa no Brasil (Arruda *et al.* 2022; Arruda, 2020). No Pará, o ensino do francês que era significativo no currículo das escolas foi definhando ao longo do tempo e em 2018 foram contabilizadas apenas três escolas públicas estaduais com o ensino do francês (Cunha *et al.*, 2018).

O curso de Letras-Francês da Universidade Federal do Pará (UFPA) fundado em 1955 representa um polo de resistência frente à diminuição do ensino-aprendizagem da língua francesa no estado. Este curso vinculado à Faculdade de Letras Estrangeiras Modernas (Falem) do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) tem o objetivo de formar professores para “atuarem no ensino-aprendizagem da língua francesa e das culturas francófonas, e suas respectivas literaturas” (Universidade Federal do Pará, 2020, p. 11). Vale ressaltar que na Falem existe o projeto de extensão chamado Cursos Livres de Línguas Estrangeiras (CLLE) que além de contribuir para a formação docente também oferece um ensino acessível de língua estrangeira, incluindo a língua francesa, para a comunidade de fora da universidade.

Atualmente, a Aliança Francesa (AF) de Belém, fundada oficialmente em 1969 – segunda mais antiga do Brasil –, desempenha um papel importante de difusão do idioma e da cultura francesa. A sua sede é cheia de referências parisienses, como a placa da estação de metrô *Concorde*, os azulejos brancos típicos dos metrô de Paris, as colunas *Maurice* e um plano de fundo com a vista da Torre Eiffel, enfatizando que nessa instituição, se trata da difusão do idioma e da cultura exclusivamente francesa, e não tanto dos outros países francófonos. O festival Varilux, a tradicional festa da gastronomia e a recente Micro-Folie – sede do Museu Virtual –, são eventos bastante divulgados na cidade. No entanto, os alunos da Licenciatura em Letras-Francês

da UFPA não acessam muito esse espaço no centro nobre da cidade, por causa da localização geográfica – os alunos geralmente moram nas periferias da cidade onde também está localizada a universidade –, e pela impressão da instituição ser diante deles um tanto elitista. Fato lamentável, pois a instituição conhecida como “cantinho mais francês de Belém”, além de ser reconhecida no ensino de idioma francês, também organiza vários eventos culturais, que poderiam conectar os discentes com o seu objeto de estudo.

Além da AF e de algumas escolas de idiomas privadas – como Castilla Idiomas e Wizard –, a cultura francesa e acima de tudo a gastronomia, também estão representadas na capital paraense com alguns restaurantes. Provavelmente, o lugar mais emblemático nesse quesito seja o hotel restaurante Le Massilia, cujo nome é a apelação romana da cidade de Marselha, no sul da França. Com a aparência de um bistrô tipicamente francês, este restaurante propõe uma fusão culinária franco-paraense, através de um cardápio bilíngue e recebe muitos clientes da Guiana Francesa, o que o torna um verdadeiro local de imersão do idioma francês. Este lugar com preços pouco acessíveis para estudantes, tampouco é frequentado pelos discentes da Licenciatura em Letras-Francês.

Assim, apesar de muito menor do que no início do século XX, a língua e a cultura francesa em Belém, ainda se mantêm vivas, principalmente através do ensino do idioma no curso de Letras-Francês da UFPA e na Aliança Francesa de Belém. No entanto, os discentes não frequentam os poucos espaços dedicados à cultura francesa e/ou à culinária franco-paraense e também não têm fácil acesso ao país vizinho – a Guiana Francesa – que representa o único território da América do Sul que tenha como língua oficial o francês. O acesso à Guiana Francesa, território ultramarino francês, não obedece ainda ao princípio diplomático de reciprocidade. Logo, apesar dos cidadãos franceses não precisarem de visto para viajarem para o Brasil, os brasileiros precisam obter um visto emitido em Brasília, para atravessar a fronteira legalmente. Dessa forma, é por enquanto mais fácil interagir com guianenses no restaurante Le Massilia do que na própria Guiana Francesa. A situação deve mudar em breve, já que em junho deste ano foi assinado um acordo de isenção de visto pela França e pelo Brasil para brasileiros que viajam para a Guiana Francesa.

A ideia de pesquisar os imigrantes franceses que moram em Belém se consolidou em dezembro de 2022, durante a Copa do Mundo de futebol, quando várias pessoas da França se reuniram para a torcida no hotel restaurante Le Massilia. Foi nessa ocasião que observamos

imigrantes franceses se expressando com o *code switching* ou “mudança de código”⁴, que é um fenômeno linguístico em que se utiliza uma palavra, frase ou sentença em uma língua no discurso inicialmente em uma língua diferente (Grosjean, 2008). Este fenômeno linguístico típico do bilinguismo ocorreu principalmente quando os torcedores faziam comentários espontâneos, frente à tela de projeção do jogo. Em outro momento, o Bistrô & Boteco, localizado no shopping Boulevard, foi outro palco da torcida francesa. Nesse dia, os franceses e franco-brasileiros decoraram as mesas com bandeiras da França e vários símbolos associados à Copa. No início do jogo, levantaram todos, francófonos e francófilos, para cantar o Hino Nacional Francês – *La Marseillaise* –, num coro articulado. Esse episódio retrata perfeitamente a ideia de representação cultural e dos seus símbolos, ilustrando o fortalecimento de identidades nacionais em situação migratória (Hall, 2006).

Ao longo de dois anos (2023-2025), cinco discentes participaram do projeto de pesquisa intitulado “Uma etnografia da presença francesa em Belém do Pará: imigração, bilinguismo e biculturalismo” e lotado no Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da UFPA. A ideia deste artigo, cujos resultados são fruto da experiência discente no projeto, surgiu depois de uma apresentação que dois estudantes fizeram em um evento acadêmico em 2024. O objetivo do projeto foi, além de incentivar os discentes a experimentarem um contato autêntico com o idioma francês, fazer com que os alunos do curso de Letras-Francês desenvolvessem uma “competência intercultural” (Abdallah-Pretceille, 1997; De Carlo, 1998) ou “competência em cultura estrangeira” (Zarate, 1986), conceitos que vamos explicar na seção seguinte.

1. A interculturalidade e a formação dos discentes do curso de Letras-Francês

O projeto de pesquisa de qual este trabalho é fruto propõe um diálogo entre a Antropologia e a Linguística Aplicada, com base nas teorias sobre interculturalidade. Essas teorias foram desenvolvidas no contexto do ensino do francês língua materna às crianças de imigrantes, com um foco ideológico na integração desses imigrantes na sociedade francesa (De Carlo, 1998). Estas teorias que surgiram com a influência das disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, como a

⁴ A “mudança de código” é um fenômeno linguístico que foi por muito tempo estigmatizado, sendo associado à uma incompetência linguística ou até mesmo à falta de inteligência. A partir do final dos anos 1980, a “mudança de código” passou a ser estudada por sociolinguistas, considerada então como um sistema regido por regras linguísticas, que ilustra um uso criativo e eficaz da língua, podendo exercer funções variadas como citar alguém, excluir uma pessoa de uma conversa, expressar emoções e marcar a identidade de um grupo, entre outras finalidades (Grosjean, 2008; Zentella, 1997).

Antropologia, a Semiologia e a Sociologia, começaram a ser usadas na didática das línguas estrangeiras, com a abordagem comunicativa (AC), nos anos 1980. O objetivo dessa abordagem é o ensino-aprendizagem de “uma competência de comunicação”, levando em consideração o uso da língua em situações do cotidiano e os contextos sociais (Berard, 1991). Com a emergência das teorias sobre interculturalidade, o objetivo da AC migrou da obtenção de “uma competência de comunicação” para se tornar a aquisição de “uma competência de comunicação intercultural”.

A preocupação com o ensino da cultura junto com o ensino da língua surge nas reflexões do linguista Robert Galisson (1988), quando ele desenvolve o conceito de *lexiculture*. O autor opõe à cultura enciclopédica e erudita, considerada elitista, a cultura comportamental, que serve para comunicar com o outro, por meio da *culture partagée*, que é a cultura dos nativos, as referências compartilhadas, que podemos acessar por meio da linguagem e do léxico. Assim, nasce a ideia do autor de *lexiculture* e de criar um dicionário com todas as palavras que carregam a *culture partagée*. Esse dicionário não chegou a existir, mas a sua ideia contribuiu em afirmar a impossibilidade de dissociação do conjunto língua-cultura no ensino-aprendizagem de língua estrangeira (Le Henaf, 2022).

Foi a leitura do livro *Enseigner une culture étrangère* de Geneviève Zarate (1986), que inspirou diretamente este projeto, pois a autora evoca maneiras concretas de como os alunos podem vir a desenvolver uma competência em cultura estrangeira. A autora desenvolve a sua reflexão tendo três fios condutores em mente: a incomunicabilidade relativa entre membros de grupos diferentes, o ensino da relatividade e a tomada de consciência da identidade. Tendo em vista a importância de um contato com pessoas que praticam naturalmente o idioma estrangeiro, e sabendo das dificuldades que os aprendentes têm em se deslocar para um país francófono, é importante aproveitar o contato com francófonos que moram na mesma cidade dos aprendentes. Ademais, segundo a autora, ouvir narrativas pessoais desses estrangeiros serve como suporte autêntico e permite que os estudantes ouçam histórias únicas e contextualizadas, ajudando a evitar generalizações e estereótipos. Segundo Martine Abdallah-Pretceille (1989, p. 56),

« (...) a comunicação intercultural é um processo pelo qual dois indivíduos que não pertencem a mesma cultura “tentam” partilhar significados. Como não pertencem a mesma cultura, eles não partilham os mesmos pressupostos, crenças, valores; eles têm ideias, sentimentos e comportamentos diferentes.

Esse fenômeno faz da comunicação um processo mais complicado do que ele parece. »⁵

A autora deixa claro que a comunicação intercultural não é algo nato e simples, mas precisa ser ensinado. Ela opõe ao saber enciclopédico já evocado por Galisson, a abordagem hermenêutica, e defende a aquisição de um saber-fazer, ao invés de um saber-cultural (1998). Para Abdallah-Pretceille, a competência intercultural tem mais a ver com a comunicação do que com a cultura, e o desenvolvimento de um entendimento de processos complexos e aleatórios (Abdallah-Pretceille, 1998). Aqui, os documentos autênticos típicos da abordagem comunicativa são usados ao serviço do desenvolvimento de uma “competência cultural”, onde o aprendente entende a cultura nas suas manifestações dinâmicas, complexas, ambíguas e contraditórias, ou *culture en acte*. Mas se a ênfase do ensino-aprendizagem for colocada na comunicação, ao invés da cultura, o conceito chave se torna a “alteridade”, a aprendizagem da relação com o “outro”, o que constitui a verdadeira “competência intercultural”.

Segundo De Carlo (1998), por muito tempo a cultura foi ensinada com o conceito de “civilização”, de forma prescritiva e universalista, com a França no centro do mundo, como uma referência, em oposição ao relativismo cultural. Para a autora, na abordagem intercultural, “o ponto de partida deve então ser a identidade do aluno: através da descoberta de sua cultura materna, ele será levado a entender os mecanismos de pertencimento a toda cultura.”⁶ (De Carlo, 1998, p. 44).

Em 2001, com o nascimento do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – QERL, a prioridade não é mais a “competência de comunicação”, mas a capacidade de agir no mundo (Conselho da Europa, 2001). A perspectiva acional apresentada no quadro considera o aluno como um ator social, que deve se preparar para agir e trabalhar no contexto de uma Europa multicultural e multilíngue. Além da dimensão intercultural, o ensino-aprendizagem precisa levar em consideração as dimensões pluri-culturais e co-culturais (Puren, 2014). No quadro, na abordagem intercultural “o objetivo essencial do ensino das línguas é de favorecer o

⁵ A citação original de Abdallah-Pretceille (1989, p. 56) está em língua francesa e a tradução foi feita pela primeira autora desse artigo: “La communication interculturelle est le processus par lequel deux individus qui n’appartiennent pas à la même culture « tentent » d’échanger des significations. Puisqu’ils n’appartiennent pas à la même culture, ils ne partagent pas les mêmes présupposées, croyances, valeurs; ils ont des idées, des sentiments et des comportements différents. Ce phénomène fait de la communication un processus plus compliqué qu’il n’y paraît.»

⁶ Frase traduzida da língua francesa pela primeira autora desse artigo, segundo o trecho original: « Le point de départ doit donc être l’identité de l’élève: par la découverte de sa culture maternelle, il sera amené à comprendre les mécanisme d’appartenance à toute culture. »

desenvolvimento harmonioso da personalidade do aprendente e da sua identidade em resposta à experiência enriquecedora da alteridade em termos de língua e cultura”⁷ (Conselho da Europa, 2001, p. 9).

Blanchet e Costa (2010) criticam a definição de “competência intercultural” (como se apresenta, por exemplo no quadro) e argumentam que essa teoria foi esvaziada dos seus conceitos originais e perdeu a sua dimensão antropológica. Ela foi ressignificada na França e nos manuais didáticos, com a ideia de que existe o conceito de conhecimento da cultura nacional do idioma alvo (Blanchet e Costa, 2010, p. 9). A outra redução desse conceito é a concepção de que a interculturalidade corresponde às relações humanas harmoniosas (Blanchet et Coste, 2010, p. 9). Por isso, esses autores procuram ressignificar o conceito no seu sentido antropológico e nas suas complexidades, como definido por Abdallah-Pretceille (1989, 1998) e Zarate (1986). Assim, os autores reivindicam uma didática da pluralidade linguística e cultural (Blanchet et Coste, 2010, p. 11). Eles dividem a aquisição da competência plurilíngue e pluricultural em quatro momentos, não necessariamente lineares: o contato intercultural (contato breve e formação de estereótipos), o encontro intercultural (contato maior e duas reações possíveis, a ocultação ou o descentramento frente a alteridade), o sincretismo intercultural (apropriação de recursos culturais, que pode ser contraditória), e a síntese intercultural (repertório pluricultural e plurilinguístico) (p. 13-14).

Estudos recentes orientam os professores a relativizarem a ideia que o professor nativo é mais competente para ensinar a cultura e a crença de que ele é um representante da totalidade da sua cultura (Byram *et al.*, 2022). Afinal, o objetivo da interculturalidade é que o aprendente consiga fazer uso do relativismo cultural e reconheça identidades sociais, com diferentes pontos de vistas e valores. Por fim, esses estudos transmitem a ideia de que essa competência sempre está em movimento e nunca poderá ser completa. Na prática, a aprendizagem de uma língua estrangeira também precisa envolver uma análise da nossa própria cultura, e é isso que o projeto de pesquisa cujos alguns dos resultados estão apresentados no artigo propõe, com uma metodologia de campo que permite analisar tanto a percepção do “outro” sobre “nós”, quanto a nossa percepção sobre o “outro”.

⁷ Citação original em francês, traduzida pela primeira autora do artigo: « un objectif essentiel de l’enseignement des langues est de favoriser le développement harmonieux de la personnalité de l’apprenant et de son identité en réponse à l’expérience enrichissante de l’altérité en matière de langue et de culture. »

2. A experiência de campo dos discentes do curso de Letras-Francês

Devido à escassez de bibliografia sobre imigrantes franceses na Amazônia paraense⁸, iniciamos as reuniões do grupo de pesquisa “Imigração, bilinguismo e biculturalismo” formado pela coordenadora do projeto e dos discentes com a leitura e a discussão de vários textos sobre a experiência migratória de brasileiros em países francófonos, como a Guiana Francesa e a França, com ênfase nas dificuldades e preconceitos sofridos por eles. As discussões foram enriquecidas pelas experiências de dois dos discentes brasileiros do projeto, que já moraram na França e são bilingues.

O primeiro contato com os imigrantes franceses foi feito pela coordenadora, através da rede de contato que surgiu na época da torcida da Copa do Mundo de futebol, em dezembro de 2022. Depois de obter mais de 25 contatos, um dos bolsistas bilingue do projeto elaborou um questionário com dez perguntas que publicamos e enviamos, através de dois aplicativos online (*Monkey Survey* e *Typeform*). As perguntas do questionário tinham o objetivo de investigar, especialmente, a experiência migratória (de onde os imigrantes vieram e as suas motivações para migrar), a aprendizagem do português, a possível transmissão da língua francesa, e, por último, a sensação de pertencimento às culturas brasileira e/ou francesa. As perguntas foram inspiradas de trabalhos sobre bilinguismo e biculturalismo, sobretudo de Grosjean (2012, 2015). Desse modo, o questionário permitiu estabelecer um primeiro contato com os imigrantes, explicando o projeto e o objetivo do nosso contato, facilitando assim uma próxima solicitação, na hora de entrevistá-los.

As perguntas respondidas no questionário foram aprofundadas com entrevistas semiestruturadas individuais, que realizamos de forma presencial, na Aliança Francesa e no restaurante Le Massilia, e na modalidade online, com o Google Meet. Vale ressaltar que as entrevistas foram gravadas com o consentimento de todos os participantes. Além das perguntas estabelecidas no questionário, pedimos para os imigrantes contarem anedotas pessoais sobre a sua experiência linguística e migratória, que foram gravadas em ambas línguas, com fim de

⁸ A problemática do bilinguismo francês-português na Amazônia brasileira já foi o foco de alguns estudos conduzidos sobre a área de fronteira dos 655 quilômetros que separa o Brasil, através do estado do Amapá, da Guiana Francesa. A maioria desses estudos trata das políticas linguísticas e concluem sobre a sua escassez (Espírito-Santo, 2009; Silva, 2017). Por outro lado, o estudo de Perreira (2009) ressalta uma intensificação do ensino do francês língua estrangeira (FLE) no Oiapoque. Em um estudo mais recente, Fumelê e Day (2020) pesquisam o bilinguismo social de uma classe específica de trabalhadores da fronteira franco-brasileira: os catraieiros, que efetuam a travessia entre as cidades de Oiapoque e Saint-Georges.

investigar a relação entre línguas, emoções e pertencimento em contexto bilingue, inspirando-se das pesquisas de Michèle Koven (1998, 2001).

Como o projeto em andamento, a coordenadora pensou em uma forma de aproximar ainda mais os alunos da experiência intercultural convocando egressos/professores do curso e professores da Aliança Francesa, que já tiveram uma experiência em um país francófono, a participar de bate-papos online, com os alunos do projeto, e de forma mais ampla, os alunos do curso todo. Como preparação dessa troca, a coordenadora pedia para os professores falarem do seu percurso, da sua aprendizagem da língua e da vivência em um país francófono, com ênfase nas diferenças culturais.

No entanto, quem tem a opinião mais crítica sobre a pertinência dos resultados do projeto, são os próprios discentes que participaram dele. Por isso, a coordenadora do projeto propôs aos estudantes que escrevessem um relato de experiência (RE). Segundo Mussi e colegas (2021, p. 64), o RE transforma a experiência vivenciada, que é caracterizada como experiência próxima, vivida de maneira informal, em uma experiência distante, narrada de maneira intencional, com o objetivo de formular a sua compreensão crítica e reflexiva “por meio do esforço acadêmico-científico explicativo”. O RE foi o método escolhido a fim de conduzir este exercício de distanciamento entre a experiência vivida e a reflexão analítica. Ademais, consideramos o RE como um suporte adequado pela sua acessibilidade para a socialização de pesquisas e pelo seu caráter reflexivo e formador nesta fase inicial do percurso acadêmico dos discentes de iniciação científica. Assim, na próxima sessão, os dois co-autores deste artigo vão apresentar suas análises da experiência de campo e dos bate-papos, por meio de quatro tópicos: o contexto, a motivação, as impressões e as suas conclusões.

3. A voz dos discentes: relatos de experiência de dois discentes do curso de Letras-Francês

3.1. Contexto

Antes de ingressar oficialmente no projeto de pesquisa, Walter Faro estava começando sua trajetória acadêmica na universidade, cursando sua primeira graduação e tendo contato com a língua francesa pela primeira vez. O início do curso foi marcado por desafios significativos, como o impacto de uma greve das universidades federais, que interrompeu as aulas regulares. Esse contexto dificultou ainda mais o aprendizado do francês, uma habilidade essencial para sua formação, deixando Walter ansioso diante de um ambiente universitário novo e complexo, que

exigia sua total dedicação.

Além disso, ele se sentia angustiado pela interrupção das aulas e aflito pela falta de contato frequente com a língua, temendo que essa situação compromettesse sua evolução. Em meio a esse cenário desafiador, Walter encontrou um suporte valioso no projeto de pesquisa. Ele ingressou como ouvinte logo nas primeiras semanas da faculdade, durante a semana do calouro, em março de 2024, quando os professores apresentaram suas iniciativas acadêmicas. Esse envolvimento inicial acabou sendo crucial para sua adaptação e para a manutenção de seu interesse no aprendizado do francês.

Quanto à segunda discente, Adrielle Medeiros, ela resolveu integrar o grupo de pesquisa quando ela já se encontrava no meio do curso e se sentia desmotivada. Até então, Adrielle limitava-se a frequentar as aulas, sem participar de nenhuma atividade acadêmica complementar. Foi nesse período do curso que a discente se deu conta de que, segundo o Projeto Pedagógico do Curso - PPC (Universidade Federal do Pará, 2020, p. 19), ela precisava efetuar 200 horas complementares, que envolvem entre outras atividades, a participação em um projeto de pesquisa ou extensão, de eventos científicos ou a produção de trabalhos acadêmicos.

3.2. Motivações

Walter decidiu participar do projeto de pesquisa motivado por quatro objetivos principais. Primeiro, ele buscava intensificar seu contato com a língua francesa fora da sala de aula, ampliando sua compreensão do idioma e garantindo uma prática constante, mesmo diante dos desafios acadêmicos. Segundo, ele via no projeto uma âncora que lhe proporcionava segurança e motivação para enfrentar as dificuldades iniciais do curso, ajudando-o a se sentir mais integrado e confiante em sua trajetória. Terceiro, Walter tinha um fascínio pela oportunidade de trabalhar com estrangeiros, algo que ele via como uma forma enriquecedora de expandir suas perspectivas culturais e acadêmicas. Por fim, ele queria aproveitar ao máximo sua experiência universitária, não apenas como um espectador, mas como um agente ativo, enxergando no projeto uma oportunidade de contribuir academicamente, produzir conhecimento e se engajar de forma significativa, consolidando sua formação e fortalecendo sua confiança no ambiente acadêmico.

O grande motivo que levou Adrielle a participar do projeto de pesquisa foi a necessidade de cumprir as horas complementares exigidas para concluir o curso de Letras- Francês. Outro

fator determinante foi seu interesse pelo tema abordado: imigração, bilinguismo e biculturalismo. Adrielle sempre se sentiu fascinada por essas questões, seguindo inclusive nas redes sociais brasileiros que vivem no exterior e que compartilham suas experiências. Ela ficou particularmente interessada em explorar o "outro lado da moeda", investigando como os franceses se adaptam à cultura estrangeira, no caso, à cultura paraense. Além disso, Adrielle viu no projeto uma chance de aprimorar seu francês, interagindo com falantes nativos e enriquecendo sua formação acadêmica.

3.3. Impressões

Durante o projeto de pesquisa, Walter percebeu mudanças profundas em sua visão e experiência. Ele passou a humanizar o estrangeiro, deixando de enxergá-los como, em suas próprias palavras, “extraterrestres, distantes e frios”, para vê-los como seres humanos próximos e acessíveis. Essa convivência também ajudou a naturalizar o idioma, desfazendo uma romantização excessiva do francês que poderia gerar frustrações.

De tal modo, Walter também começou a se sentir pertencente a um grupo dentro da universidade, o que fortaleceu sua conexão com o ambiente acadêmico. Além disso, os bate-papos com professores de francês ampliaram suas perspectivas profissionais sobre o uso do curso de letras-Francês, indo além de seguir na docência, expandindo seus horizontes e renovando a cada bate-papo sua motivação para continuar se dedicando à sua formação.

Durante o projeto, Adrielle teve uma profunda reflexão sobre si mesma e sua relação com a sua cidade. Inicialmente, ela nutria preconceitos contra sua própria cidade, considerando-a carente de atrativos turísticos e repleta de problemas. No entanto, ao ouvir as perspectivas de imigrantes franceses, Adrielle descobriu um novo olhar sobre sua cidade. Ela percebeu que a culinária local, a hospitalidade e o cuidado das pessoas eram aspectos positivos frequentemente destacados pelos entrevistados. Essa nova visão a fez questionar por que não havia aprendido a apreciar sua cidade durante sua formação escolar.

Adrielle constatou que sua educação não havia enfatizado a história, cultura e povos originários de sua região. As entrevistas a levaram a reavaliar sua percepção e a entender que cada lugar tem os seus pontos fortes e fracos e que a beleza está nos detalhes, como bem mostram os poemas de Marc Bonaventure, poeta francês morador da cidade de Belém, que descreve os encantos da cidade. Assim, a discente refletiu sobre o fato da educação e da

conscientização serem fundamentais para apreciar o que nos cerca. Essa experiência transformadora permitiu que Adrielle desenvolvesse um novo olhar sobre sua cidade, reconhecendo suas riquezas culturais.

3.4. Conclusões

Walter concluiu que sua participação no projeto trouxe mudanças significativas em vários aspectos de sua trajetória. A melhora na aquisição do francês foi uma das mais notáveis, resultado do contato constante com o idioma em contextos práticos. O projeto lhe proporcionou uma experiência única de sentir um orgulho renovado de sua identidade regional, especialmente ao ver seu estado sendo reconhecido positivamente pelos entrevistados franceses. De tal modo, ter a oportunidade de ouvir apreciações sobre sua terra natal o fez enxergar sua cultura sob uma nova luz, reforçando seu senso de pertencimento.

Além disso, o envolvimento no projeto também intensificou sua motivação para continuar no curso, ao perceber que o aprendizado transcende as aulas formais e ganha significado na prática. Concomitantemente, sua visão sobre os estrangeiros também mudou, abandonando a ideia de figuras distantes e idealizadas, e passando a vê-los como pessoas próximas e acessíveis. Por fim, o projeto abriu portas para um *networking* valioso, conectando-o tanto com a comunidade francesa, quanto com profissionais que utilizam o idioma, ampliando suas perspectivas acadêmicas e profissionais.

O projeto proporcionou a Adrielle experiências incríveis e transformadoras. Ela descobriu um leque de oportunidades para após a conclusão do curso, superando suas preocupações iniciais sobre empregabilidade, alimentadas pelo preconceito em relação ao curso. Com a participação nos bate-papos com egressos, Adrielle teve uma visão renovada das possibilidades. Essas conversas inspiradoras a motivaram ainda mais e a ajudaram a melhorar o seu nível de comunicação em francês, superando a vergonha inicial.

Ao longo do projeto, especialmente após o primeiro ano, Adrielle experimentou uma mudança radical. De desmotivada, passou a estar plenamente engajada e motivada. Sua imersão na vida acadêmica se tornou uma realidade. O projeto foi um divisor de águas, permitindo que Adrielle visse seu potencial e as oportunidades que o curso oferecia.

A aquisição de uma competência intercultural

Sabemos das dificuldades de ensinar a cultura em sala de aula com base nos manuais didáticos de francês língua estrangeira (FLE), que ainda hoje privilegiam o ensino-aprendizagem da língua, bem mais do que da cultura. Nesses manuais, os discentes conseguem ter uma percepção superficial da cultura francesa, que pode corresponder ao “contato breve”, descrito por Blanchet e Coste (2010, p. 11), quando descrevem a formação de estereótipos e clichês sobre o “outro”. Quando se trata das culturas de outros países francófonos, o ensino-aprendizagem da cultura é ainda mais limitado (Cardoso e Azevedo, 2021).

Ainda segundo (Blanchet e Coste, 2010, p. 11), os discentes que colaboraram nesse trabalho tiveram um “encontro intercultural”, que só é possível quando existe um contato prolongado com o “outro”, como foi o caso do trabalho de campo onde os discentes conduziram 12 entrevistas com imigrantes franceses, cada uma tendo uma duração de várias horas, com muitos momentos de reflexão conjunta, sobre as diferenças culturais. E a “síntese cultural”, também apresentada por Blanchet e Coste (2010, p. 11), ocorreu na comparação das duas culturas, ao longo das anedotas sobre a história linguística e migratória dos imigrantes, que abordaram temas como o uso de palavras carinhosas em português, a herança escravocrata na linguagem, as diferenças no âmbito do transporte público, da relação das mulheres com as crianças e muito mais.

As experiências descritas pelos discentes nos seus relatos de experiência revelaram dois contextos bem diferentes, por um lado os jovens discentes do curso de Letras-Francês da UFPA que moram em Belém do Pará – cidade do Norte do Brasil, cidade amazônica, pouco conhecida pelos habitantes do próprio país e frequentemente desvalorizada –, e por outro lado, os participantes franceses, cuja origem por si só já é motivo, historicamente, de idealização. Os relatos mostram o quanto a alteridade é idealizada: “uma romantização excessiva do francês que poderia gerar frustrações” e temida: “extraterrestres, distantes e frios”. As experiências dos estudantes também evidenciam como o contexto de origem dos discentes é desvalorizado por eles mesmos: “ela nutria preconceitos contra sua própria cidade, considerando-a carente de atrativos turísticos e repleta de problemas”, mas valorizado aos olhos dos imigrantes franceses, que apreciam principalmente a gentileza dos habitantes e os aspectos culturais ligados à culinária, ao conhecimento tradicional e à natureza.

A troca discursiva entre discentes e imigrantes mudou completamente as perspectivas dos discentes sobre o “outro”, nesse caso os franceses que moram em Belém, e sobre a sua própria cidade. A discente diz que “desenvolveu um novo olhar” e o discente comenta sobre como “ouvir apreciações sobre sua terra natal o fez enxergar sua cultura sob uma nova luz” e sobre a sua mudança de percepção dos estrangeiros que ele agora vê “como pessoas próximas e acessíveis”.

Com base na experiência de campo vivida pelos discentes por meio das entrevistas com os imigrantes, que constituíram uma base para investigar aspectos identitários e o sentimento de pertencimento dos franceses, foi possível observar a identidade social e o sentimento de pertencimento dos próprios discentes. Assim, a experiência permitiu que os discentes criassem uma outra relação com a sua cidade, com uma “nova luz” ou “novo olhar”, sentindo até um orgulho de ser paraense. Por fim, os discentes experimentaram observar e viver “culturas híbridas”, típicas das situações migratórias, neste caso de quem vive a experiência e de quem ouve as narrativas pessoais dos imigrantes. E são elas, que evocadas no decorrer da ação discursiva – ilustrada aqui durante a fala dos entrevistados e nos relatos de experiência discente –, modelam e remodelam suas identidades fluidas, fragmentadas e contraditórias (Hall, 2006; Moita-Lopes, 2006).

Por fim, a aquisição de uma “competência intercultural” é essencial para viver com a diversidade, desenvolver a tolerância e o relativismo cultural, tão essenciais para conviver com o “outro”. Não falamos isso no contexto dos imigrantes franceses no Brasil que são, em sua maioria, brancos e de classe média e não parecem sofrer nenhum tipo de discriminação, mas em relação às minorias, como por exemplo, os imigrantes brasileiros legais ou ilegais que sofrem preconceitos na Guiana Francesa e na França. Sabemos que o direito à diversidade, de forma semelhante ao direito à igualdade de gênero, nunca está adquirido plenamente, como diz a famosa citação da autora Simone de Beauvoir, em qual o termo “mulheres” poderia ser substituído por “indígenas, quilombolas, negros, imigrantes, etc.” (Monteil, 2011, p. 41): “Nunca esqueçam que bastará uma crise política, econômica ou religiosa, para que os direitos das mulheres sejam questionados”⁹. Exemplificando essa situação, observamos recentemente como a Lei estadual 10.820/2024 do Pará, agora revogada, representou um ataque às populações originárias e de forma mais geral, à diversidade do país, prejudicando o ensino nas aldeias por facilitar a instauração de aulas virtuais e

⁹ Tradução da primeira autora, da citação de autoria de Simone de Beauvoir, reproduzida por Monteil: “N’oubliez jamais qu’il suffira d’une crise politique, économique ou religieuse pour que les droits des femmes soient remis en question. »

precarizar a carreira dos professores. No contexto internacional, a alteração das regras para a cidadania dos filhos de imigrantes nascidos nos Estados Unidos, condena as crianças dos imigrantes à ilegalidade, ressaltando o ódio ao “outro”, típico das correntes políticas de extrema direita.

Referências

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. Communication interculturelle, apprentissage du divers et l'altérité. In : CONGRES INTERNATIONAL, ANNEE EUROPEENNE DU DIALOGUE INTERCULTUREL : COMMUNIQUER AVEC LES LANGUES ET LES CULTURES, Université Aristote de Thessalonique (Grécia), 12-14 Dezembro. University studio Press: Thessalonique, 2008.

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. Pour une éducation à l'altérité. *Revue des sciences de l'éducation*, v. 23, n. 1, p. 123-132, 1997. Disponível em : <<https://doi.org/10.7202/031907ar>> Acesso em : 17 jan. 2025.

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. Apprentissage des langues et compétence culturelle. *Migrants formation*, n. 77, p. 52 -59, 1989. Disponível em : <https://www.persee.fr/issue/diver_0335-0894_1989_num_77_1> Acesso em : 17 jan. 2025.

ARRUDA, L. de S.; LIMA, R.O. de.; GOTIJO, L. F.; BERNARDES, F. D. BNCC e o desaparecimento da língua francesa na educação básica brasileira. *Revista Letras Raras*. Campina Grande. v.1 1, n. Especial, p. 271-241, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.8111044>> Acesso em: 17 jan. 2025.

ARRUDA, L. de S. Políticas públicas educacionais de FLE no Brasil e seus reflexos de formação docente. *Revista Humanidades e Inovação*. v.7, n.7.7, p. 465-475, 2020.

BERARD, E. *L'approche communicative: théories et pratiques*. Paris: CLE International, 1991.

BLANCHET, P.; COSTE, D. *Regards critiques sur la notion d'interculturalité : pour une didactique de la pluralité linguistique et culturelle*. Paris: L'Harmattan: collection Espaces Discursifs. 2010.

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. *Développer la dimension interculturelle dans l'enseignement des langues. : une introduction pratique à l'usage des enseignants*. Strasbourg : Conseil de l'Europe, 2002.

CARDOSO, I. C. de P. S.; AZEVEDO, A. M. Literatura, francofonia e alteridade: por uma abordagem intercultural crítica. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 11, n. 1, 2021.

CASTRO, F.F. de. *A Cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da*

periferia da modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso: 01 abril 2025.

DAOU, A.M. *A belle époque amazônica*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

DE CARLO, M. *L'interculturel*. Didactique des langues étrangères. Paris: CLE International, 1998.

ESPIRITO-SANTO, M. *“De Oiapoque a Saint-George”: uma pesquisa sociolinguística em meio escolar na fronteira Brasil e Guiana Francesa*, 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2009.

FUMELE, L.V.S.; DAY, K.C.N. O contato português-francês e o bilinguismo societal dos catraieiros na fronteira franco-brasileira, *Web – Revista SOCIODIALETO – NUPESD/LALIMU*, v. 11, n. 32, p. 113-139, 2020.

GALISSON, R. Cultures et lexicultures. Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, v.1, p. 325-341. 1988.

GROSJEAN, F. A short introduction. In Grosjean, F. e Li, P. (Ed.). *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Hoboken, NJ: John Willey & Sons. 2012, p. 5-25. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lidil/10910>> Acesso em: 17 jan. 2025.

GROSJEAN, F. Bicultural bilinguals. *International Journal of Bilingualism*, v. 19, n. 5, p. 572-586, 2015.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. *Revista UFG*, n. 5, p. 163-176, 2008.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOVEN, M.E.J. Two languages in the Self/The Self in Two Languages: French-Portuguese Bilingual's Verbal Enactments and Experiences of Self in Narrative Discourse. *Ethos*, v. 26, n. 4, p. 410-455, 1998.

KOVEN, M.E.J. Comparing bilingual's quoted performances of self and others in tellings of the same experience in two languages. *Language in Society*, v. 30, p. 513-558, 2001.

LE HENAF, C. Quelques réflexions épistémologiques sur l'articulation entre la langue et la culture, en didactique, en science du langage, et en sciences de l'éducation. *Revue de linguistique et de didactique des langues*, n. 55, p. 1-15, 2022.

MOITA LOPES, L.P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. SP: Mercado de Letras Edições e Livraria LTDA, 2008.

MONTEIL. C. *Simone de Beauvoir et les femmes aujourd'hui*. Paris: Odile Jacob, 2011.

MUSSI, R.F de F.; FLORES, F.F.; ALMEIDA, C.B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Praxis Educacional*, v. 17, n. 48, p.60-77, 2021.

PERREIRA, T. Representações e aprendizagem de uma língua estrangeira: status da língua francesa em contexto urbano e de fronteira. *Synergies Brésil*, v. 7, p. 101-111, 2009.

PUREN, C. La compétence culturelle et ses différentes composantes dans la mise en œuvre de la perspective actionnelle. Une nouvelle problématique didactique. *Intercâmbio*, v. 7, p. 21-38, 2014.

ROCHA, T.; TROUFFLARD, J. A *Belle Époque* belenense e as representações em torno da "Paris nos trópicos": do devaneio diurno ao sonho noturno. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.20, n.2, 2025. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/7yb94mKQG9Nmn6gYfwprSd/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 18 set. 2025.

SILVA, F.S.; CUNHA, J.C. A presença da língua francesa na rede pública de ensino. In : CUNHA, J.C; LOUSADA, E.; CHARDENET, P. (Ed.). *Etats des apprentissages et pratiques professionnelles du français au Brésil / Estado das aprendizagens e práticas profissionais do francês no Brasil*. Araraquara: Letraria, 2018. p. 37-47.

SILVA, K.K.C. A política linguística na região fronteira Brasil-Guiana Francesa: panorama e contradições. *Trab. Ling. Aplic.*, v. 56, n. 2, p. 617-639, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA. PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA. *Projetos pedagógicos Letras-francês*, Belém: UFPA, 2020.

ZARATE, G. *Enseigner une culture étrangère*. Paris: Hachette Education, 1986.

ZENTELLA, A.C. *Growing up bilingual: Puerto Rican children in New York*. Oxford: Blackwell, 1997.
